

## **“O mundo é muito maior do que podemos ver”**

Escritor-Professor Gustavo Bernardo, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, fala sobre Literatura e seus últimos livros: *Nanook* (2015) e *A ficção de Deus* (2014)

Entrevistado por Fernanda Vieira  
(Mestranda em Literaturas de Língua Inglesa pelo PPGL-UERJ)

Leitor compulsivo e escritor inquieto, com extensa produção que reflete alguém descobrindo e redescobrando, lendo e relendo, escrevendo e reescrevendo o universo pela linguagem. Profissional capaz de permitir-se conservar fascinações e encantar-se com o totalmente outro. Doutor em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); professor associado do Instituto de Letras na mesma universidade; pesquisador 1D do CNPq; membro do Editorial Board da revista *Flusser Studies*, sediada em Lugano, na Suíça; e também membro do Conselho da Editora Annablume: o carioca Gustavo Bernardo tem uma incrível capacidade de maravilhar-se com o mundo e surpreender os leitores. Em 2015, recebeu o Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, na categoria Ensaio Literário, com o livro *A Ficção de Deus* (2014); neste ano de 2016, é finalista com a mesma obra do Prêmio Rio de Literatura 2016, também como ensaísta.

Seu primeiro livro *Pálpebra* (1975) é seu único livro de poemas, mas sua prosa é permeada de poesia, mesmo nos ensaios. Publicou onze romances até o momento: *Pedro Pedra* (1982), que recebeu o Prêmio Altino Arantes 1981 (Biblioteca Altino Arantes, de Ribeirão Preto, São Paulo), e Láurea de Altamente Recomendável para Jovens, em 1982 (FNLIJ); *Me nina* (1989); *Lúcia* (1999); *A alma do urso* (1999), que recebeu o Prêmio Orígenes Lessa - o Melhor para o Jovem 2000 (FNLIJ) e Prêmio Júlia Lopes de Almeida 2000 (UBE); *Desenho mudo* (2002); *O mágico de verdade* (2006); *Reviravolta* (2007); *A filha do escritor* (2008); *Monte Verità* (2009); *O gosto do apfelstrudel* (2010); e *Nanook* (2016).

Como ensaísta, publicou doze livros: *Redação inquieta* (1985); *Quem pode julgar a primeira pedra?* (1993); *Cola sombra da escola* (1997); *Educação pelo argumento* (2000); *A dúvida de Flusser* (2002), que recebeu o Prêmio Jabuti – Menção Honrosa – em 2003 na categoria “Teoria da Literatura” (CBL); *A ficção cética* (2004); *Verdades quixotescas* (2006); *Vilém Flusser: uma introdução* (2008, com Anke Finger e Rainer Guldin), que foi traduzido e publicado em alemão pela Wilhelm Fink Verlag e em inglês pela University of Minnesota Press; *O livro da metaficção* (2010), que foi premiado com o Prêmio Mário de Andrade na

categoria “Ensaio Literários” (Biblioteca Nacional); *O problema do realismo de Machado de Assis* (2011); *Conversas com um professor de literatura* (2013); e *A Ficção de Deus* (2014), que recebeu Prêmio Literário da Biblioteca Nacional 2015, na categoria Ensaio Literário, e é finalista do Prêmio Rio de Literatura 2016, na categoria Ensaio Literário. Ainda organizou coletâneas, como *Literatura e sistemas culturais* (1998); *Vilém Flusser no Brasil* (2000); *As margens da tradução* (2002); *A filosofia da ficção de Vilém Flusser* (2011); e *Comorações literárias* (2014), entre outras.

Em entrevista para a revista **ContraCorrente**, o autor discorre sobre temas como sua infância imersa em livros, as decisões de carreira, sua relação com o ensino, com deus e um gigantesco urso polar, oferecendo, além de considerações acadêmicas, possibilidades de epifanias.

**1. Na sua entrevista para a UERJ Entrevista, em 26 de janeiro, você contou que sempre quis ser escritor, mas se apresenta como professor e se percebe escritor quando é lido. Como era sua relação com a Literatura e o que o levou a querer ser escritor desde criança?**

Desde que me entendo por gente, leio como um condenado. Desde que leio como um condenado, meu maior desejo é na verdade ter um superpoder específico: o de entrar nos livros de ficção, isto é, o de me tornar um personagem daquelas histórias. Como isso não é possível, infelizmente, resta-me a vontade de ficar do outro lado: o lado dos que inventam e contam as histórias. Em casa, ganhava muitos livros de presente, porque com um livro na mão eu ficava quieto por horas e não aborrecia ninguém com meus “por que isso” e “por que aquilo”. Na escola primária, tive a sorte de ter a mesma professora por vários anos, dona Onay, que era excepcional e transformava toda a matéria em aula de redação. Com frequência, ela promovia um concurso da melhor redação. Escrevíamos sem parar e muitas vezes ganhei o prêmio principal, invariavelmente um lápis de Itu, isto é, um lápis enorme que nem dava para usar, exceto para carregar com orgulho na volta para casa, em Vila Isabel. Resultado: tornei-me um leitor compulsivo e um escritor idem. Escrevo sempre, de preferência pela manhã.

**2. Existe algum escritor (escritores) que tenha (tenham) sido uma grande influência nesse sonho?**

Nunca tive um escritor ou escritores preferidos, tantos eu lia. Quando gosto muito de alguém, leio várias obras dele ou dela, mas jamais leio a obra completa – para que sempre

falte alguma coisa importante para ler. Na infância, marcavam-me mais os personagens do que os escritores, embora me lembre emocionado de Hermann Hesse, que li muito antes do que seria normal. Na adolescência, os nomes que me vêm à cabeça imediatamente são os de Machado de Assis, Clarice Lispector e Wilhelm Reich. Como se vê, coloco no mesmo campo escritores de ficção e alguns pensadores.

**3. E quando surgiu a relação do Gustavo Bernardo com a profissão docente? Com o pesquisador?**

Fui aluno do Colégio de Aplicação da UERJ. Lá, me preparei para fazer o vestibular de Engenharia, seguindo a profissão do meu pai. No meio do vestibular, resolvi escolher outra profissão que combinasse com o escritor que queria ser. Um dos melhores professores de Português que tive, Carlos Nascimento Silva, ele também um escritor, me ajudou a escolher Letras. Ao passar para Letras na PUC-RJ, convivi com vários escritores, como Ana Cristina César, Cacaso, Geraldinho Carneiro e Silviano Santiago. No entanto, a carreira de professor, e principalmente a de professor universitário, desestimula de várias maneiras a carreira literária. Como eu passei a gostar bastante de ser professor, precisava negociar comigo mesmo e com a realidade o conflito entre o escritor e o professor. Em algum momento decidi então escrever e publicar (porque considero que só terminei de escrever um texto quando o publico) um ensaio e um romance, alternadamente. Dessa maneira, obriguei-me a ser escritor até mesmo como professor. Com isso, reforcei a ideia que sempre tive, de que o melhor método de educação é sempre o do exemplo. Ensina a ler quem lê sempre e mostra o que está lendo, ensina a escrever quem escreve sempre e mostra o que está escrevendo. Até o momento, já publiquei 11 romances e 12 ensaios acadêmicos. Ou seja, falta mais um romance para empatar!

**4. Você fechou agora a trilogia da utopia, que não é uma sequência, com o lançamento de *Nanook*, cuja interface religiosa atende tanto ao público crente quanto ao descrente. Uma fábula que beira o fantástico. Ao passo que teve seu ensaio *A ficção de deus* premiado em 2015 pela BN. Sendo ateu de carteirinha, como se dá a construção de deus no seu romance? A interface religiosa em *Nanook* é resultado d'*A ficção de deus*?**

Ao publicar alternadamente ensaios e romances, acabo permitindo que um livro saia do outro. Normalmente, o ensaio acadêmico é também um ensaio para o romance, como neste caso. Deus é a primeira ficção da humanidade e, também nesse sentido, nossa obra-prima. Procurei investigar essa ficção no ensaio *A ficção de Deus*, tanto nos livros da Bíblia quanto em vários romances da literatura mundial. Minha hipótese inicial era a de que escritores ateus

construiriam um personagem Deus mais interessante do que escritores religiosos, mas não a confirmei. Escritores religiosos e ateus, quando fabulam Deus, permitem maravilhamento equivalente de seus leitores! No caso de *Nanook*, quis construir um Deus que não fosse feito à nossa imagem e semelhança, para que pudesse representar o Inteiramente Outro. Ora, como escritor brasileiro, carioca, o que melhor evocaria o Inteiramente Outro? Um animal, talvez. Um animal que não viva e não possa viver no Brasil. Um animal magnífico, claro. Apresenta-se então o urso polar, ou o Deus dos inuit, que tem a forma do seu animal totem: de um gigantesco urso polar.

**5. Ainda em *Nanook*, é um professor de linguística que ajuda o personagem do médico, Homem Siqueira, a descobrir as coisas, a desvelar pedaços de si e sua história. É pela linguagem que você descobre o mundo? Como funciona o descobrir o mundo pela linguagem, pelo seu ponto de vista?**

Para construir o professor Ramon, inspirei-me num professor de linguística da UERJ, também chamado Ramon, falecido há alguns anos, e no primeiro livro do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser, *Língua e realidade*. Nesse livro, Flusser expõe dois axiomas: o primeiro, que a língua cria a realidade; o segundo, que a poesia cria a língua. Como não podemos jamais conhecer ou descrever a realidade toda, inclusive o tempo, que os nossos sentidos não podem perceber, só temos acesso indireto ao mundo. Este acesso se dá pela linguagem. Sim, nós descobrimos o mundo pela linguagem, mas o mais interessante é que nunca o descobrimos de verdade, porque nós o estamos sempre redescobrimo, isto é, nós o estamos sempre fabulando e refabulando.

**6. A sua fascinação pelo outro, pelo estranho se estende à figura de deus? Deus enquanto ficção, epifania ou decepção?**

Deus é sem dúvida a metáfora hiperbólica da figura do outro. Deus representa o Inteiramente Outro e o Inteiramente Estranho. Por isso, me incomoda tanto que algumas pessoas que se entendem religiosas tentem diminuir Deus, como quando dizem que Deus é fiel, ou quando exclamam “*meu Deus*”, como se pudessem possuí-lo. Há uma concepção judaica sobre Deus que é poética e muito bonita, ao afirmar que vislumbramos Deus no rosto do outro, no rosto de todos os outros que não eu. Nesse sentido, tanto Deus quanto qualquer Outro, ou qualquer Outra, são a minha ficção, porque construo uma imagem deles que permita que eu me aproxime, são uma epifania, quando se revelam a mim e assim me revelam o amor,

e ao mesmo tempo são uma decepção, simplesmente porque não consigo e não devo controlá-los de forma alguma.

**7. Houve uma inquietação que surgiu com *A ficção cética* que te levou a escrever *A ficção de deus*? Como você os relaciona, se o faz?**

Em *A ficção cética*, publicado em 2004, defendo que toda a literatura é essencialmente cética, entendendo ceticismo como o cultivo da dúvida permanente. A literatura duvida da realidade, perguntando por que não pode ser de outro jeito, por que a realidade não pode ser outra. Por isso, para mim, a literatura não pode ser realista, a menos que seja uma literatura ruim, que seja uma anti-literatura. A literatura, através da *epoqué* cética, suspende o juízo sobre a realidade da melhor maneira: fabulando uma nova “realidade”, que nós, os leitores, tantas vezes vivenciamos como mais real do que a realidade mesma. Machado de Assis, que não é realista de modo algum, a despeito do que consta nos livros didáticos, desenha um Rio de Janeiro nos seus romances que nos parece muito mais “real” do que o Rio de Janeiro do século XIX tal como nos mostram os livros de História. Esse é o efeito de verdade da poesia e da literatura, tão forte que suplanta aquilo que se convencionou chamar de verdade. Ora, esse efeito afeta, é claro, a ficção primordial, vale dizer, a ficção de Deus. Para a pessoa que crê, Deus é mais real do que ela mesma, até porque existia desde antes dela mesma e do início dos tempos, se Deus enfim criou todos os tempos e todas as coisas. Conquanto absurdo, como todas as ficções, Deus é a garantia de que a vida, mais especificamente, de que a minha vida não é um mero acaso gratuito e absurdo. Essa é a ligação.

**8. Em seu artigo “Literatura é religião?” (2011), você traz o reconhecimento de Marx de uma necessidade de espírito. E Freud (1930) atribui a necessidade de deus a um infantilismo psíquico. Nesse sentido, como fica nossa busca pela epifania? Seria fruto da mesma necessidade de religião com o útero, com fazer parte de algo maior do que a si próprio?**

Freud diz que Deus é a representação glorificada, magnificada e agigantada do Pai, tanto que o chamamos na mais conhecida oração, que é também o mais conhecido poema do ocidente, como o Pai Nosso que estais no céu. Chamá-lo “Pai Nosso”, no entanto, ainda o diminui, assim como quando dizemos “meu Deus”, porque o reduz à nossa necessidade de nos rendermos ao nosso inimigo. Inimigo? Sim, porque o pai é aquele sujeito que nos afasta da nossa mãe, ela sim nosso primeiro amor – pelo menos de acordo com Freud. Nesse sentido, ver Deus como Pai, ou como o substituto simbólico do pai, não produz nenhuma

epifania, isto é, nenhuma revelação, mas sim uma sensação contraditória de medo e conforto – não à toa o Deus do Antigo Testamento é o Deus do Medo, aquele que Afoga, através do dilúvio, e Assopra, através da Terra Prometida. A epifania acontece, ao contrário, quando sentimos no íntimo que o mundo é muito maior do que podemos ver, logo, que a nossa vida sempre pode ser muito melhor e muito mais maravilhosa do que esta que temos – ou seja, quando lemos um bom romance!,e, mais raramente, quando de repente encontramos um grande amor, que pode ser uma bela mulher e também um filho e uma filha.

**9. Você diria que a Literatura é a sua religião? Há uma religião que pode ser provocada pela literatura? O que figura no seu universo metafísico? Há a Literatura além de si mesmo?**

Aquele filósofo de que falei, Vilém Flusser, também dizia que precisamos dessacralizar a religião para sacralizar o cotidiano. Ele propunha algo como uma religião sem Deus. Dizendo de outro modo, que devemos viver religiosamente cada instante, portanto maravilhando-nos a cada instante, mas sem nos submetemos aos dogmas de uma religião. Na verdade, os dogmas da religião solapam a própria religiosidade. Esse tipo de concepção, que eu chamo de “ateísmo suave”, aceita a necessidade íntima da crença porque reconhece que sempre “*there are more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in your philosophy*” – ou, em português, “há mais coisas no céu e terra, Horácio, do que foram sonhadas na sua filosofia”, na tradução correta de Shakespeare. Para questionar meu ateísmo, muitas vezes me perguntam se eu não sinto que exista “algo maior”. A resposta é sim, claro que sim. Mas por que esse algo tem de ser o Deus único, e não uma miríade de deuses, ou seja, dez mil deuses? Esses dez mil deuses são os dez mil personagens da literatura com que convivo, feliz, desde que me entendo por gente, isto é, desde quando aprendi a ler.